

Povos Indígenas no Brasil

Fonte ESP

Class.: 57

Data 30/03/72

Pg.: _____

Coisas da Funai

Aparentemente, a Funai é uma instituição muito dinâmica, à qual o País deveria inestimáveis serviços. Rara é a semana em que a

imprensa não registra declarações do seu presidente sobre os projetos da entidade e as complexas tarefas realizadas por seus funcionários. Infelizmente, essa imagem idílica da Fundação Nacional do Índio não passa de um mito.

Nos últimos dias, por exemplo, o presidente da Funai ocupou-se largamente de um caso de grande atualidade, tentando demonstrar o acerto da orientação adotada quando, de fato, tal orientação vem suscitando muitas e ponderáveis críticas. Referimo-nos à transferência dos sertanistas Francisco e Apoena Meireles do Território de Rondonia para áreas cortadas pela Transamazônica, nos Estados do Pará e do Amazonas. Efetivamente, as justificativas apresentadas para essa medida administrativa são bastante estranhas e a afirmativa de que se trata de uma promoção não procede.

Para quem tenha conhecimentos elementares de antropologia e etnologia é um absurdo que dois sertanistas empenhados desde 1969 na "pacificação" dos índios Cintas largas sejam removidos da região justamente no momento em que esses silvicultas manifestam ostensivamente o seu descontentamento pela presença de elementos estranhos em seus territórios. A chacina verificada no subposto do Rio Rosevelt e os recentes ataques indígenas à serra de Riozinho e a onibus e caminhões que transitam pela rodovia Cuiabá-Porto Velho demonstram claramente que o trabalho de "pacificação" dos Cintas largas se acha apenas na sua fase inicial. Não obstante a sua experiência e o criterioso trabalho realizado, os Meireles não conseguiram ainda estabelecer contactos amistosos com todos os grupos de Cintas largas que habitam o Parque Aripuanã. A "pacificação" de uma tribo de índios de cultura neolítica é realmente um trabalho muito difícil e moroso que não pode ser realizado dentro de prazos previamente fixados, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis. É significativo, para citarmos apenas um caso, que a "pacificação" dos Atroaris, iniciada há mais de 20 anos, nos limites do Amazonas com Roraima, não esteja ainda concluída.

No caso dos Cintas largas, aliás, as condições são muito desfavoráveis. A Funai nunca tomou uma providência imprescindível ao êxito do trabalho dos sertanistas: a interdição das áreas habitadas pelos índios a garimpeiros, madeireiros, colonos e outros elementos estranhos à missão pacificadora. Em que pese a Funai, ne-

nhum sertanista poderá estabelecer contactos amistosos com tribos primitivas se entrar em suas terras misturado, contra sua vontade, com aventureiros e comerciantes. A Funai pode alegar que não dispunha de meios para isolar a região. Mas não lhe será fácil encontrar justificativa para uma atitude incompatível com os princípios que lhe cabe defender: a concessão de licenças a garimpeiros para trabalharem no Parque do Aripuanã.

É oportuno recordar que pouco antes da sua transferência, Apoena Meireles foi a Brasília pedir providências urgentes para evitar a invasão das terras dos Cintas largas. A Funai certamente considerou infundados os temores do sertanista. Não tomou qualquer medida contra os invasores. Mas, em contrapartida, achou aconselhável transferir o funcionário que ousara assumir a defesa dos índios.

Para o general Bandeira de Mello, a tensão existente no Aripuanã é um mero produto da fantasia. "Não acredito na veracidade das denúncias que vêm sendo feitas", declarou em Campo Grande, durante homenagem que lhe foi prestada. Em sua opinião não há garimpeiros nas áreas dos vários parques indígenas. Todos eles teriam sido expulsos pela ação conjunta das autoridades responsáveis.

Esse otimismo de s. exa. não resolve, entretanto, uma contradição que vem suscitando comentários. De um

lado, o general presidente da Funai não acredita em Apoena Meireles; de outro, faz o seu elogio e declara que a transferência tem o significado de uma promoção.

Ao afirmar que a orientação da Funai é contrária à permanência de um sertanista por muitos anos na pacificação de uma só tribo, o presidente da entidade defende uma tese cientificamente insustentável. A verdade é outra. O general Bandeira de Mello só poderia responder satisfatoriamente a uma série de críticas pertinentes se confessasse a incapacidade do órgão que dirige e revelasse as pressões a que a Funai é submetida por parte de fazendeiros e empresas de mineração interessadas na exploração de terras indígenas.

De outro lado, a Funai não dispõe de pessoal especializado em quantidade suficiente para promover a pacificação de todas as tribos que habitam áreas onde serão construídas estradas ou implantados projetos agropecuários ou de mineração. E, invariavelmente, acaba abandonando trabalhos não concluídos para iniciar outros. O resultado dessa política é desastroso. Os contactos interrompidos, na opinião unânime de antropólogos e sertanistas, constituem o maior crime que pode ser cometido contra uma comunidade primitiva.

Ao "promover" Apoena Meireles de diretor do Parque do Aripuanã a "pacificador" dos Arara-torás, a Funai matou dois coe-

lhos de uma só cajadada. Criou condições para afastar mais uma tribo da rota da Transamazônica e suto-cou a única voz que, corajosamente, vinha denunciando a invasão das terras dos Cintas largas.